

# ESPAÇO DE FORMAÇÃO TEATRAL NA BAIXADA FLUMINENSE

## THEATER TRAINING SPACES IN BAIXADA FLUMINENSE

Jorge Roberto Ribeiro Braga Júnior

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

**R**esumo: O artigo resulta de pesquisa sobre a atividade teatral nos municípios da região da chamada Baixada Fluminense, com recorte sobre o compartilhamento de saberes na educação não formal proporcionada por artistas e grupos do território. O estudo inclui o mapeamento dos espaços onde ocorrem, com maior ou menor regularidade, cursos de teatro.

**Palavras-chaves:** formação artística, grupo teatral, Rede Baixada Em Cena

**Abstract:** The article is the result of research on theatrical activity in the municipalities of the region called Baixada Fluminense, with a focus on the sharing of knowledge in non-formal education provided by artists and groups in the territory. The study includes the mapping of spaces where theater courses take place, with greater or lesser regularity.

**Keywords:** artistic formation, theater group, Rede Baixada em Cena

Recebido em 17/07/2022

Aceito em 22/08/2022

O termo Baixada Fluminense designa a região de baixo relevo, entre a capital do estado do Rio de Janeiro e as montanhas, de importância histórica como ligação entre o interior e o litoral, passagem das primeiras ferrovias que em seguida deram origem à ocupação urbana. A região compreende treze municípios – Guapimirim, Magé, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Mesquita, Queimados, Japeri, Paracambi, Seropédica e Itaguaí – com grande parte de sua população se deslocando diariamente para a capital, como cidades-dormitórios.

Em meados da década de 1960, o nome Baixada Fluminense começa a aparecer na divulgação dos indicadores de pobreza da região do entorno da cidade do Rio de Janeiro. Nos anos 1970, o termo começa a ser usado amplamente nos meios de comunicação para noticiar fatos da região e a ela se referir como “lugar de pobreza, das carências, da violência, do banditismo e dos grupos de extermínio.” (SIMÕES, 2011, p.19). A lendária figura de Tenório Cavalcante, da cidade de Duque de Caxias, conhecido popularmente como “o homem da capa preta” (título do filme brasileiro lançado em 1986), representa os “coronéis”, homens que detinham certo poder econômico e controle social na região. Outros personagens da cultura de massa colaboraram para a constituição de um imaginário negativo associado à Baixada. Nos anos 1980/1990, o personagem-tipo Seu Boneco se destaca no programa humorístico “Escolinha do Professor Raimundo”: com roupas maltrapilhas, erros de português, gestualidade malandreada e modo de agir fora da lei, ele se declara natural de Duque de Caxias.

Recentemente, organizações e movimentos sociais da região têm se dedicado à reelaboração da identidade regional no intuito de promover a desconstrução dessa imagem tão propagada pelos meios de comunicação de massa. No final da década de 1990, um grupo de pesquisadores funda o Instituto de Pesquisa e Análises Históricas da Baixada Fluminense (IPAHB) que, embora não dure mais que dez anos, sendo despejado de sua sede, em imóvel da Prefeitura de São

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

João de Meriti, em 2009, a instituição trouxe decisiva contribuição para a valorização da história do território. Com o objetivo reunir a memória da região e facilitar o acesso à informação, fazem projetos como a criação de cursos específicos de História da Baixada Fluminense para pesquisadores e professores, incentivo à publicação de pesquisas e a criação de um acervo destinado a conservar a memória regional para a reapropriação da identidade.

A produção teatral da Baixada Fluminense sofre o impacto da relação centro-periferia, sendo a periferia resultado de um processo de construção da metrópole calcado na segregação socioespacial cujo centro é esse lugar iluminado, lugar do emprego, dos equipamentos urbanísticos mais modernos, que detém as funções centrais da vida urbana. Deste ponto de vista, a Baixada ocupa um lugar duplamente periférico: pode ser vista como o subúrbio do subúrbio já que está localizada mais distante do considerado centro que é a cidade do Rio de Janeiro. A periferia se produz pela estrutura do sistema capitalista baseada na exclusão da urbe cujo maior agente propagador é o Estado, através das políticas públicas que aprofundam o modelo de acumulação e de reprodução das relações de produção. Nas áreas periféricas habitam os trabalhadores das zonas centrais que, por meio de sistemas de transporte deficitários e jornadas extenuantes de trabalho, têm sua participação social dificultada (HARVEY, 2014). A Baixada Fluminense, entendida sob a noção de periferia, ocupa historicamente um lugar secundário nas políticas públicas estaduais e federais sob os mais diversos âmbitos e apresenta preocupantes indicadores socioeconômicos refletidos na educação, na distribuição de renda e no acesso à saúde.

No que tange à produção teatral, os principais agentes de cultura da região têm sido os grupos teatrais. O mapeamento dos conjuntos existentes hoje mostra que vem havendo um crescimento no número de grupos: entre 2001 e 2010 foram criados 19 grupos teatrais e entre 2011 e 2020 surgiram 31 novos grupos (BRAGA, 2022, p.203).

*Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022*

Parte destes grupos atua fora do território, por meio da participação em festivais das diversas abrangências, inclusive internacionais, com reconhecimento através de indicações e prêmios. Com menos frequência se apresentam nos espaços existentes na região e são poucos os grupos que realizam temporadas na cidade do Rio de Janeiro.

Para Teixeira Coelho, a formação teatral constitui elemento fundamental para o estabelecimento do sistema teatral, na medida em que promove “o pleno desfrute de uma determinada obra, o que envolve o entendimento de seus aspectos formais, de conteúdo, sociais” (COELHO, 1997, p. 31). Para a consolidação do teatro da Baixada Fluminense seriam necessários não apenas espaços culturais com incentivo e programação continuada como também lugares de formação.

No campo da educação formal, não há na Baixada Fluminense ensino técnico ou superior na área de Artes Cênicas, sendo necessário aos interessados recorrer a escolas e universidades sediadas na capital. Houve, entre 2009 e 2015, na Escola de Artes Técnicas Paulo Falcão, da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), órgão vinculado à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação, cursos de curta duração, de capacitação técnica, na cidade de Nova Iguaçu. A instituição foi polo de desenvolvimento da área e chegou a abrigar um grupo de teatro.

A formação em teatro nos municípios da região se encontra no campo da educação não-formal, com a oferta de cursos e oficinas livres por organizações do terceiro setor, da sociedade civil, instituições religiosas, projetos sociais, artistas e grupos teatrais. A pedagogia praticada pelos grupos emerge de seus modos de produção e se elabora nos núcleos dos próprios coletivos, através do trabalho continuado e das relações com a comunidade do entorno, pelo compartilhamento dos saberes e técnicas que vão se desenvolvendo ao longo da sua trajetória. Trata-se, portanto, de uma pedagogia potencialmente viva, uma vez que emerge da práxis, sendo constantemente revisitada e re-

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

configurada pelo entendimento e pelo desejo dos artistas em relação ao seu próprio trabalho (ICLE, 2009). Se o grupo se mantém ativo, em formação e em pesquisa, o material que ele compartilha será impactado por este processo.

Entre as décadas de 1950 e 1980, a formação em teatro na Baixada Fluminense se dava de maneira descontinuada, por meio de cursos e oficinas livres oferecidos em equipamentos culturais públicos como o Teatro Armando Melo (Nova Iguaçu) e o Teatro Arcádia (Duque de Caxias), em instituições religiosas, escolas e grupos teatrais. Na década de 90, há uma referência quase exclusiva do SESC de São João de Meriti que sediava reuniões do movimento dos grupos de teatro que começava a eclodir. A instituição começou a realizar encontros de grupos de teatro amadores.

Em 1996, é inaugurado o SESC de Nova Iguaçu, unidade onde se encontra o maior teatro da região e a partir de onde, com a continuidade dos cursos na área, nasceram os grupos criadores do Festival Encontrarte, ação mais contínua de teatro na região, em atividade desde 2002.

A estratégia utilizada para a elaboração do mapeamento da educação teatral na região foi dividir as categorias de acordo com a natureza dos órgãos que fornecem ou forneciam as atividades de formação em teatro no recorte temporal de 2017 a 2020. Em relação aos órgãos públicos, foram feitas buscas na internet, especificamente os órgãos gestores de Cultura e das prefeituras, sobre a existência de espaços nos quais cursos e oficinas de teatro regulares foram realizados durante o período nas treze cidades. Sobre as entidades privadas e do terceiro setor, foram mapeados espaços que receberam ações de formação realizadas, sobretudo, por grupos de teatro. Não fazem parte desse mapeamento cursos e oficinas de teatro oferecidos em unidades escolares como atividade complementar na educação formal, tampouco as aulas da disciplina Teatro onde seu ensino é obrigatório.

Também não foram mapeados os cursos e oficinas de teatro existentes em espaços de instituições criadas para fins religiosos.

Ao todo, foram identificados 34 equipamentos culturais onde se realizaram, com alguma regularidade, cursos de teatro pagos ou gratuitos:

ESPAÇOS DE FORMAÇÃO EM TEATRO
ÓRGÃOS PÚBLICOS
Escola Municipal de Teatro Antônio José O Judeu – Nilópolis Escola Municipal de Artes Cênicas Edgar de Souza – Duque de Caxias Secretaria de Cultura, Esportes, Turismo e Lazer de Mesquita Casa de Cultura de Belford Roxo Teatro Sylvio Monteiro - Nova Iguaçu Teatro Municipal de Itaguaí Fábrica do Conhecimento - Paracambi Centro Cultural de Guapimirim Centro de Artes e Esportes Unificado (CEU) de Queimados Centro de Arte e Cultura da UFRRJ, em Seropédica Centro Cultural Meritiense – São João do Meriti
SEDES DE GRUPOS DE TEATRO
Centro Cultural Oscar Romero / Grupo Cochicho na Coxia - Mesquita Centro de Artes Vilelarte – Nova Iguaçu Centro de Teatro Intensivo – Nova Iguaçu Espaço Cultural Queimados Encena - Queimados Escola Livre FAMA – Nova Iguaçu Espaço Cultural Código, do Grupo Código - Japeri Sala de Estudo Teatro Psicofísico, do Grupo Artesão – Nova Iguaçu

INSTITUIÇÕES E INICIATIVAS PRIVADAS

SESC Nova Iguaçu  
 SESC São João de Meriti  
 SESC Duque de Caxias  
 SESI Duque de Caxias  
 Gomeia Galpão Criativo – Duque de Caxias  
 Cine Teatro Oscarito – Duque de Caxias  
 Escola de Teatro, Dança e Canto Bianka Bawer – Duque de Caxias  
 Centro de Artes da Baixada – Duque de Caxias  
 Casa Brasil Imbariê – Duque de Caxias  
 Sala de Leitura Apadrinhe um Sorriso – Duque de Caxias  
 Espaço Cultural Arteira – Duque de Caxias  
 Espaço Cultural Rede do Bem – Nova Iguaçu  
 Espaço Arte em Cena – Nova Iguaçu  
 Cine Teatro Carlos Manga – São João de Meriti  
 Oficina de Teatro Vanda Moraes – São João do Meriti  
 Galpão 252 – Nilópolis

Em Duque de Caxias, Nilópolis e Paracambi, o trabalho de formação em teatro parece ter se estruturado como uma política pública permanente, sobrevivendo às mudanças de governos e às transformações econômicas e sociais, com estruturas um pouco mais complexas. No caso das duas primeiras, os espaços de formação são materializados em escolas com nomes de artistas de teatro nascidos na região: o nome da escola de Nilópolis homenageia o dramaturgo nascido em São João de Meriti; a escola de Duque de Caxias homenageia o ator nascido na cidade. As escolas estão sediadas em equipamentos públicos e contam com algum tipo de envolvimento com integrantes de grupos teatrais locais, de forma direta ou indireta. Em Nilópolis, artistas de diversos grupos são os ministrantes das disciplinas e diretores dos espetáculos; em Duque de Caxias, o curso está à cargo dos integrantes do Centro de Pesquisas Teatrais; em Paracambi, as aulas são ministradas pelos integrantes da Cia Municipal. A Escola Municipal de Artes Cênicas Edgar de Souza, assim como as demais, não oferece ensino formal e os ministrantes não necessitam ser professores

licenciados. Trata-se de cursos livres. A Escola Municipal de Teatro Antônio José O Judeu, em Nilópolis, fez convênio com o Sindicato dos Artistas para fornecer registro profissional aos que cumprissem todo o curso – mas os diversos desmanches sofridos pela escola de parte da administração pública vêm impedindo que ela consolide uma linha de atuação.

Em três cidades não foi identificada nenhuma ação do poder público no campo da educação teatral: Japeri, Magé e Seropédica. Em Japeri, existe um trabalho contínuo desenvolvido pelo Grupo Código; em Seropédica, há as atividades desenvolvidas pelo Centro de Arte e Cultura da UFRRJ, um projeto universitário de extensão que vem sendo um dos principais propagadores da arte teatral para os moradores da cidade.

O trabalho de formação promovido pelos grupos teatrais locais tem ocorrido por meio dos cursos ou oficinas regulares com durações variadas (de quatro meses a um ano), sendo as turmas separadas por faixas etárias e, em alguns casos, por níveis de ensino. Em algumas das cidades, esses grupos têm se tornado a única opção de acesso à linguagem teatral na cidade, como é o caso do trabalho desenvolvido pelo Grupo Código em Japeri, quase que de forma ininterrupta desde 2006. O compartilhamento pedagógico, para os grupos que estão eles próprios em constante formação, requer uma organização metodológica que leva à sistematização e revisão contínua das bases técnicas e artísticas do conjunto. Do ponto de vista da ação extensionista, a prática permite formar e consolidar laços com a comunidade. Mas, entre os grupos teatrais que atuam como agentes formadores, são poucos aqueles que conseguem realizar esta atividade de forma continuada e autônoma – um exemplo raro é a Cia Atores da Fábrica que, em Nova Iguaçu, mantém uma escola própria em funcionamento.

O grupo Nós do Morro, da Favela do Vidigal, foi responsável por ações de formação que originaram os diversos núcleos do projeto Nós da Baixada em bairros de Nova Iguaçu, por meio do Fundo Mu-  
*Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022*



nicipal de Assistência Social da Prefeitura daquela cidade, no final da primeira década dos anos 2000. Embora ocorresse dentro do âmbito do Plano de Assistência Social e formulasse como “ação programada” o generalizante objetivo de “qualificar em artes cênicas crianças e adolescentes e professores da Rede Municipal de Ensino de Nova Iguaçu”<sup>1</sup> e embora não tenha resistido à gestão seguinte, o projeto contribuiu para a formação dos profissionais atuantes em grupos como o Teatro Baixo e a Cia de Segunda. Em parceria com o Sesc, no projeto Tempo Livre, o Nós do Morro contribuiu com o processo que deu origem ao Grupo Código.

Há grupos sem espaço fixo que, para manter suas práticas pedagógicas, estabelecem parcerias com escolas ou instituições. Em Nova Iguaçu, o grupo Nós das Artes realiza cursos e eventos no Colégio Leopoldo e no SESC da cidade e o Teatro Baixo oferece regularmente o Treinamento para Atores e oficinas de dramaturgia, também no SESC. A falta de editais para a ocupação dos equipamentos públicos permite apropriações. Em Duque de Caxias, o Centro de Pesquisas Teatrais tem sido há anos o único grupo residente no Teatro Municipal Armando Mello. Em Mesquita, o grupo Cochicho na Coxia toma conta do Teatro Cássia Valéria. A relação do grupo teatral com o poder público, entretanto, não pode ser considerada estável, uma vez que se tratam de acordo verbais, interpessoais, que podem ser extintos com as mudanças de gestão e cargos. Em Nilópolis, a Escola Municipal de Teatro Antônio José O Judeu vem desde sua fundação sendo instrumento político de gestões de família que se repetem indefinidamente (GUARNIER, 2021), mantida pelos instrutores que mesmo licenciados são pagos como técnicos.

A manutenção de atividades formativas abertas ao público integra a luta por sobrevivência travada pelo conjunto teatral: luta financeira para o custeio e manutenção do próprio espaço; luta artística para a continuidade e aprimoramento do trabalho realizado; luta cultural para

<sup>1</sup> Disponível em: [https://cmni.rj.gov.br/legislacao/ldo/fundo\\_municipal\\_da\\_crianca\\_e\\_adolescente.pdf](https://cmni.rj.gov.br/legislacao/ldo/fundo_municipal_da_crianca_e_adolescente.pdf) Acesso em 16 de julho de 2022.

o desenvolvimento do território. Neste sentido, é importante registrar que, embora não tenha chegado a números definidos, a pesquisa verificou diversos espaços físicos de destinação cultural ou mesmo teatral sem nenhuma atividade pedagógica.

Talvez o baixo número de grupos que oferecem oficinas – menos de 20% dos conjuntos identificados no mapeamento – possa ser relacionado à carência de espaços físicos para o desenvolvimento de trabalhos coletivos para além das apresentações de espetáculos. As atividades de compartilhamento são uma forma de manutenção e desenvolvimento do grupo. Todos os grupos que oferecem atividades pedagógicas ao público possuem um espaço, seja ele próprio, alugado ou cedido; ao mesmo tempo, os grupos que não oferece atividades pedagógicas não possuem espaço físico.

Parece então que há uma relação de mútua dependência entre o espaço e o conjunto teatral: o primeiro, sem o segundo, fica vazio; o segundo, sem o primeiro, se torna ocioso. Se existisse no país uma política permanente de viabilização de espaços físicos para os grupos teatrais, quantas mais pessoas teriam acesso ao teatro na região? Quantos grupos mais poderiam existir? E se todos os grupos atuantes mantivessem espaços de formação? Quantos espetáculos ocupariam os espaços de apresentação existentes? Como o Teatro da Baixada Fluminense seria? São perguntas como estas que motivam a ação do artista militante Leandro Santana, de Queimados, criador da página *Minha sede Minha vida!*, em rede social, que assim se define:

Grupo de Livre adesão para discutir com as diversas instâncias de governo a viabilidade de FINANCIAMENTO para coletivos culturais COMPRAREM imóveis ampliando a rede de espaços de cultura no país, pagando em DUAS moedas: Dinheiro e ações culturais gratuitas para moradores dos conjuntos habitacionais do Governo Federal - Minha Casa Minha Vida.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> In: <https://www.facebook.com/groups/1453115381596210/> Acesso em 15 de julho de 2022

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

Outros espaços de difusão e promoção do conhecimento, como as unidades do Sistema “S” (SESC e SESI Firjan) têm desempenhado função relevante na área da formação em teatro, com uma política de gestão contínua desde a década de 1990, em que a oferta de cursos por artistas e grupos de outras localidades nas diversas unidades colaboraram para o surgimento de novos grupos de teatro e para o fortalecimento dos conjuntos já existentes na região – e que viriam a impactar diretamente o território por meio de movimentos e festivais. O SESC Rio vem promovendo, além de cursos, eventos de compartilhamento técnico e artístico – como mostras e festivais regionais – que geram circulação e incentivo à sistematização pedagógica da experiência artística. Deste modo, as instituições investem na criação de um sistema teatral tanto pelo incremento aos microssistemas locais – grupo, espaço, público, evento, etc. – como também ao movimento de extensão dos grupos para fora do território.

A circulação dos grupos de teatro consiste em atividade formativa não apenas para o público de outras localidades como também para o próprio grupo. Visando a uma prática cooperativa e continuada, a Rede Baixada Em Cena estabelece, em 2014, uma parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) com a criação do projeto Artes Cênicas em Extensão, coordenado conjuntamente por professoras e por grupos das periferias. Praticando a lógica segundo a qual não existe ensino nem benefício unidirecional, o projeto atende a uma necessidade dos artistas e grupos ao mesmo tempo que atualiza e direciona o saber acadêmico. As atividades ocorrem tanto no campus da Escola de Teatro quanto nas sedes ou nas cidades dos grupos da região.

Há que considerar também os espaços administrados por produtoras ou por artistas, geralmente de caráter empresarial e mediante pagamento, voltados para o público das cidades de mais concentração urbana que são Nova Iguaçu e Duque de Caxias. Estas iniciativas atendem de modo geral às classes média e alta com a venda de pro-

*Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022*

mentos e serviços, às vezes com o apelo do acesso ao mercado de trabalho da televisão. Atendem antes ao sonho da carreira de ator do que à formação teatral propriamente dita, como arte de produção coletiva. No campo oposto, há o trabalho de formação oferecido por organizações não-governamentais que oferecem oficinas gratuitas ou a preços módicos, ligadas aos princípios democratizadores das entidades, geralmente voltadas à defesa dos direitos humanos e da justiça social.

Em suma, o espaço da formação é um campo que coloca “em disputa” os diversos modos de produção do teatro em ações oriundas de órgãos com discursos e práticas heterogêneas, sejam elas promovidas pelos poderes públicos municipais (na perspectiva da garantia de um direito, ainda que nem sempre o gestor em questão tenha conhecimento sobre a área e sua motivação nem sempre mire o cidadão, o artista, a arte ou tampouco a educação), sejam elas promovidas pela sociedade civil organizada por meio de agentes como os grupos teatrais ou pelo setor privado. Em suas infinitas possibilidades, o teatro – e, por extensão, o processo, as técnicas e a pedagogia que o forja – ora toma a forma de um produtor, ora se oferece como um serviço.

### **O caráter formador da Rede Baixada em Cena**

O movimento que daria origem à Rede Baixada em Cena nasce no processo de organização do Festival Baixada Encena, cuja primeira edição ocorre em 2008, com organização e produção do pelo ator e diretor Lino Roca e do grupo Centro Experimental de Teatro e Artes, o CETA, em parceria com outros grupos da região. Na década de 1990, Lino Roca havia participado do desenvolvimento dos festivais regionais de teatro amador das unidades do SESC na Baixada, e, na década seguinte, ele integrara a equipe de organização do festival Encontrarte, organizado pelos grupos Fios da Roca e Andarilhos.

A rede se organiza com o objetivo de incrementar a programação local e potencializar a produção teatral da Baixada Fluminense.

*Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022*

Se constitui em um formato de autogestão, realizada por grupos que se declaram independentes e não mais tutelados por instituições ou produtoras. A primeira edição tem lugar no, hoje extinto, Teatro Procópio Ferreira, em Duque de Caxias, realizada pelo CETA. A segunda edição ocorre em três cidades – Nova Iguaçu, Queimados e Duque de Caxias – com treze espetáculos, a oficina Vivências Meyerhold e o Seminário O Teatro Nosso de Cada Dia. A terceira edição vem com a assinatura da Rede Baixada em Cena, como movimento de grupos teatrais explicitado no material de divulgação como “uma rede com oito cidades representadas, centenas de artistas e agentes culturais.” A iniciativa levou à articulação das redes teatrais informais existentes no território e aproximou-as para eclodir na formalização do movimento que lançou novo olhar para a cultura teatral da Baixada Fluminense.

A Rede Baixada Em Cena se consolida no contexto de ausência de qualquer outra entidade representativa da classe teatral em nível regional e se constituiu como uma iniciativa política no âmbito da cultura, buscando estratégias para mitigar alguns dos muitos gargalos desse sistema em prol dos grupos e de seus artistas. Suas ações, que contribuíram para a formulação de políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento do teatro regional, vêm buscando a abertura do campo de trabalho, por meio da ampliação dos espaços de compartilhamento, das reflexões críticas sobre as obras, da realização de mostras que aglutinam os grupos, de acesso a experiências de formação.

Após cinco edições em seu território e um hiato de cerca de três anos do festival (2013-2015), a rede passa a organizar uma mostra teatral por ano na capital entre os anos de 2016 e 2019 ocupando equipamentos privados e públicos das três esferas de poder como o Galpão Gamboa, Bibliotecas Parque, Teatro Glauce Rocha, Gláucio Gill e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Essa ação para fora de seu território, pela continuidade e persistência de sua atuação, torna mais permeável a fronteira que separa os grupos da Baixada dos equipamentos públicos da capital.

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

É possível verificar um aumento de atividades pedagógicas produzidas nos eventos, dentro e fora do território. Entre 2008 e 2012, foram realizadas duas oficinas e dois debates ou rodas de conversa. Já entre os anos de 2016 e 2019, foram realizadas três oficinas e cerca de 41 encontros reflexivos, entre debates, rodas de conversa e conversas após as apresentações para abordar os aspectos do processo de criação dos espetáculos. Entre as ações formativas propostas no âmbito dos eventos organizados pela Rede Baixada Em Cena, uma das mais singulares foi o Movimento Baixada Crítica – Escritas Afetivas, em 2019, que reuniu onze textos produzidos por integrantes de grupos da Rede sobre espetáculos assistidos durante a mostra do ano. Os espetáculos apresentados pelos grupos integrantes da rede não eram, de modo geral, objeto de crítica de jornais e veículos especializados. Ainda que muitos deles integrassem a programação de teatro da capital, os grupos não conseguiam acessar esses espaços com suas produções. Esta ação propunha uma espécie de ocupação simbólica do espaço de quem detêm o poder de fazer a crítica e fomentava a prática crítica e reflexiva dentro do próprio movimento, preenchendo a lacuna identificada pelos seus agentes no jovem e precário sistema teatral da região. As Escritas Afetivas prosseguiram, mesmo durante a pandemia, em parceria com o Festival Cenáculo, idealizado pela Cia Cerne, de São João de Meriti, uma das companhias integrantes da Rede Baixada Em Cena.<sup>3</sup>

Os espaços de formação, enquanto lugar de confluência de diversos agentes teatrais do território, vem sendo fundamentais para a constituição de redes que alimentam os microssistemas teatrais e podem promover um efeito em cadeia: espaços de formação podem criar novos grupos e grupos ativos podem criar novos espaços de formação e ocupar os equipamentos públicos, onde poderão se formar novos agentes e grupos que, por sua vez, vão lutar por políticas transparentes de ocupação de equipamentos públicos. Falta ao teatro da

<sup>3</sup> Todos os textos críticos estão na página virtual da entidade (<https://redebaixadaemcena.medium.com/>).

Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022

Baixada Fluminense, ainda, um planejamento de incentivo à estruturação de toda a cadeia produtiva, desde a formação profissional – já que não há curso técnico e universitário nesta área, seja público ou privado – até a formação de plateia. Nos últimos anos tem havido, entre os grupos teatrais da Baixada, movimentações no sentido da investigação de possibilidades de implantação de um curso técnico ou superior de teatro na região, com tentativas de articulação política que não são recentes e surgem com maior ou menor força ao longo da história do teatro da Baixada Fluminense.

Afirmar que o teatro da Baixada Fluminense é uma potência de criação, ainda que soe piegas, não é um devaneio. Mesmo em tempos considerados de crise, a efervescência de espetáculos que, em sua maioria, traduzem os anseios da população local e criam narrativas para o território, tem sido crescente. Levando-se em consideração apenas a produção dos grupos, em 2019 foram dezessete espetáculos estreantes – a maioria, dez para ser exato, de textos inéditos escritos por dramaturgos da região. Isso demonstra uma tendência nos grupos de, cada vez mais, se aprofundar em processos de formação dramatúrgica, tanto de escritas individuais como coletivas, associadas à investigação cênica na prática do conjunto.

A possibilidade de um mapeamento deste microssistema regional, no entanto, depende de dados e indicadores. Um dos principais entraves à construção desse conhecimento sobre a realidade da prática teatral regional está na falta de organização das informações disponíveis. Além de haver pouco volume de informação sobre a prática do teatro, sobretudo de seus impactos econômicos, ela se encontra fragmentada, desconcentrada e desconcertada, sem ao menos um espaço (plataforma, site, aplicativo)<sup>4</sup> que reúna em nível regional as informações existentes junto aos organismos locais.

---

<sup>4</sup> Em alguns estados, por exemplo, o governo estadual tem criado plataformas digitais para estabelecimento de contatos como o Teatro Mineiro e o Memória do Teatro da Bahia.

*Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022*

Diante da ausência de uma política de continuidade e abrangência e de instituições voltadas exclusivamente para as artes cênicas, essas articulações acontecem a partir de ações isoladas e mecanismos esporádicos. Políticas pontuais implementadas foram fundamentais para gerar condições necessárias para a criação e fortalecimento dos grupos atuantes. Sem continuidade, as transformações esboçadas não se efetivam, reduz-se o potencial impacto de fenômenos efêmeros, como os projetos de formação do SESC, a difusão pedagógica das práticas do grupo Nós do Morro, editais e festivais esporádicos. A efetiva consequência de tantas iniciativas e eventos depende de investimento na base desse sistema, com a construção de espaços próprios para o desenvolvimento das pesquisas e circulação dos grupos teatrais, de novos espaços públicos e privados, de cursos de formação técnica e universitária na área das artes cênicas e na formação de público. Supomos, por tudo o que aqui foi analisado, que o almejado desenvolvimento do setor está intimamente ligado à abrangência e à continuidade das ações de formação.

### Referências

BRAGA JUNIOR, Jorge Roberto Ribeiro. Baixada em Cena: redes teatrais e o teatro em rede da Baixada Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGAC/UNIRIO). 2022.

\_\_\_\_\_. O Teatro atravessado pelo território nas obras do Grupo Código. Natal: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), 2018.

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Políticas Culturais**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

GUARNIER, Luiz. O Centro Cultural de Nilópolis e a Escola Municipal de Teatro Antônio José O Judeu: ensino de teatro e re-existências no contexto nilopolitano. Programa de Pós-Graduação em Ensino de **Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 13 n. 2, jul-dez/2022**



Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEAC/UNIRIO). Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional. 2021.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294 p.

ICLE, Gilberto. Da Pedagogia do Ator à Pedagogia Teatral: verdade, urgência, movimento. **O Percevejo Online**, v. 1, p. 1-9, 2009.

ROCHA, André Santos. Baixada Fluminense: representações espaciais e disputas de legitimidades na composição territorial municipal. Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFF. Dissertação de Mestrado, 2009.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense**. Mesquita: Editora Entorno, 2011.